

# Depois da euforia e da crise, Real entra numa terceira fase, a do fortalecimento

Crescimento econômico é etapa a ser realizada: em cinco anos, PIB só cresceu 6,4%

Flávia Oliveira

• Passada a euforia da primeira fase e superado o trauma da desvalorização cambial, o Real entra agora em sua terceira etapa, a do fortalecimento. É chegada a hora de pôr um ponto final às ameaças de crise e de estabelecer caminho do crescimento econômico, que ainda não decolou. Até o primeiro trimestre deste ano, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) acumulava avanço de 16,73% na década de 90. Mas o crescimento após os cinco anos de Plano Real foi de modestos 6,44%.

— Fomos a bola da vez e sobrevivemos. A desvalorização eliminou um medo do horizonte. A fase das crises está acabando e podemos entrar num período de mais otimismo. Até o desemprego teve uma pequena queda — diz o economista Marcelo Neri, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

A fase apregoada por Neri, que também coordena o Instituto de Estudos do Trabalho e da Sociedade (lets), englobaria o cresci-

mento econômico, mas também ações públicas de combate efetivo às desigualdades sociais brasileiras. Isso porque, entre os especialistas, há um consenso de que o Brasil não é um país pobre, embora tenha muitos pobres.

— A desigualdade ainda é muito alta. Os ganhos obtidos depois do real ainda estão abaixo da década de 70 — salienta Gustavo Gonzaga, diretor do Departamento de Economia da PUC-Rio.

## Concentração de renda é maior que a de Banglades

Dados do Banco Mundial (Bird) mostram que a renda *per capita* brasileira, de cerca de US\$ 4 mil anuais, é pouco menor que as de México e Chile, países de renda média. Mas a concentração — os 10% mais ricos detêm metade da renda nacional — é maior que a de Bangladesh, onde o PIB *per capita* é de US\$ 240 por ano.

Para deixar para trás distorções como essas, não é suficiente apenas crescimento econômico. O presidente do IBGE, Sérgio Besserman Viana, estima que para ter uma renda *per capita* de nível semelhante às rendas de Portu-

gal, Espanha e Grécia, o Brasil teria de crescer 4,5% durante três décadas. Essa marca, ressalta, dividida pelo crescimento populacional produziria o mesmo avanço de renda observado nas décadas anteriores aos anos 80.

— Não há como distribuir com a economia encolhendo, mas a redução da desigualdade depende de políticas públicas específicas — diz Besserman.

Opinião idêntica tem o economista Francisco Ferreira, do Bird. Para ele, a estabilidade foi uma conquista importante, mas não definitiva. O Plano Real pôs fim ao imposto inflacionário, que prejudicava especialmente os pobres, mas a concentração voltou a subir depois das crises:

— O crescimento econômico é necessário, mas não é suficiente para reduzir a pobreza ou a desigualdade. Há bolsões de “pobreza dura”, onde estão pessoas totalmente excluídas do mercado de trabalho — diz Ferreira, que está se licenciando do Bird para dar aulas na PUC-Rio, a partir de 1º de julho.

Os economistas sugerem ações de Governo para combater a de-

sigualdade com a mesma intensidade com que cobram o cumprimento do ajuste fiscal ou a aprovação da reforma tributária. A melhor das iniciativas seria a expansão pelo país de programas como o Bolsa-Escola, em que as famílias que mantêm os filhos matriculados recebem ajuda de até um salário-mínimo por mês.

— Há exemplos de programas semelhantes com grande sucesso no México, em Honduras e em Bangladesh — revela Ferreira.

## Baixa escolaridade mantém a concentração de renda

A convicção vem da constatação de que o baixo nível de escolaridade explica quase metade da concentração de renda do país. Neri, do Ipea, diz que apenas 20% dos analfabetos do país têm ocupação. A proporção alcança 85% para os que têm curso superior. Enquanto a renda média mensal dos sem instrução é de R\$ 101,07, a dos que estudaram mais de 12 anos chega a R\$ 1.369,47.

— Quem tem mais estudo não só tem mais chances de estar empregado, mas também os maiores salários — diz o economista. ■